

O PROBLEMA DA MORALIDADE DA OBRA DE ARTE

Autoras:

Filipa Magalhães e Marta Sousa

No âmbito da disciplina de:

Filosofia (11º ano)



FONTES

- https://prezi.com/e-9_tv74vmee/?utm_campaign=share&utm_medium=copy&rc=ex0share
- <http://www.portaldafamilia.org/artigos/artigo505.shtml>
- <http://arquivopessoa.net/textos/1702>
- https://cld.pt/dl/download/c672b2cf-2285-44bc-b8af-650d60d05c3b/Apresentações_Filosofia/Filosofia_da_Arte/Problema_da_moralidade_da_obra_de_arte/Destruir%20obras%20de%20arte.pdf
- https://cld.pt/dl/download/c672b2cf-2285-44bc-b8af-650d60d05c3b/Apresentações_Filosofia/Filosofia_da_Arte/Problema_da_moralidade_da_obra_de_arte/Destruir%20obras%20de%20arte%20em%20nome%20da%20arte.pdf
- https://cld.pt/dl/download/c672b2cf-2285-44bc-b8af-650d60d05c3b/Apresentações_Filosofia/Filosofia_da_Arte/Problema_da_moralidade_da_obra_de_arte/Arte%20e%20moralidade%20-%20Cr%C3%ADtica.pdf
- https://cld.pt/dl/download/c672b2cf-2285-44bc-b8af-650d60d05c3b/Apresentações_Filosofia/Filosofia_da_Arte/Problema_da_moralidade_da_obra_de_arte/11061-Texto%20do%20Trabalho-33198-1-10-20170222.pdf
- https://pt.wikipedia.org/wiki/Arte_rupestre

Estrutura:

1. Introdução:
 - a. Esclarecimento de conceitos
 - b. Importância
 - c. Principais teses
2. Desenvolvimento:
 - a. Argumentos a nosso favor
 - b. Objeções
 - c. Respostas a objeções
 - d. Argumentos da tese oposta
 - e. Nossas objeções
3. Conclusão

INTRODUÇÃO

A crítica moral da arte é um dos tópicos da Filosofia da Arte mais antigos, pelo menos desde Platão e Aristóteles. No entanto, ainda hoje se fala neste tema, que tem suscitado mais interesse hoje em dia. Enquanto a discussão antiga se centrava nos efeitos moralmente relevantes da arte (sendo ainda hoje um ponto de interesse), a discussão atual abrange também o seguinte problema: *Será sempre inaceitável a destruição de obras de arte?*

Importância: Sobre este assunto, nunca deixou ou deixará de ser importante a sua discussão. É tanto uma questão ética como estética e metafísica, que determina não só o futuro das obras de arte, como também o futuro da própria História em si. Esta vai sendo escrita, descrita e transmitida através das ditas “obras de arte”. No entanto, não deixa de ser um problema com respostas muito subjetivas e foi difícil chegarmos a um consenso sem entrarmos noutros problemas deste ramo da Filosofia (como a definição de obra de arte e critérios da sua avaliação). Intuitivamente, respondemos NÃO à questão. Depois de alguma pesquisa, pusemos em causa a nossa opinião, acabando por chegar à mesma conclusão que a nossa intuição inicial. Não, não se deve destruir obras de arte.

Mas, primeiro, devemos esclarecer melhor alguns conceitos: uma **obra de arte** é uma obra criada ou avaliada, representando algo e transmitindo uma ideia que projeta ou reflete a intenção de um artista. Pode consistir num objeto, composição musical, arquitetura, pintura, um texto, etc. Entretanto, o que é considerado uma obra de arte depende do contexto histórico e cultural, e do próprio significado de arte, algo do qual não exploraremos. Também é importante esclarecer que há obras de arte cuja destruição física é inconcebível. Se adotarmos a conceção ontológica segundo a qual as obras musicais são entidades universais e abstratas, em vez de particulares concretos, então falar da destruição física de tais obras deixa de fazer qualquer sentido. O mesmo se aplica a obras literárias. Podemos, por exemplo, queimar todos os exemplares d’*Os Maias* que, ainda assim, não estaremos a destruir a obra de Eça de Queirós. Só é, pois, possível destruir obras de arte que sejam particulares concretos, como pinturas, esculturas ou edifícios, mas não obras musicais e literárias, por exemplo.

Principais teses: Há 2 lados que podem ser diferenciados relativamente a este problema: o que responde SIM à questão, e o que defende que destruir obras de arte é sempre errado. Nós defendemos que não devem ser destruídas, à parte as exceções (falaremos de algumas também).

DESENVOLVIMENTO

Argumentos a favor - 1º (direitos dos artistas):

- 1) Os artistas têm direitos sobre as obras que criam, os quais devem ser respeitados.
- 2) Se as obras de arte são destruídas, então os direitos dos artistas não são respeitados.
- 3) Logo, não se deve destruir obras de arte.

O artista tem direitos sobre as suas obras, independentemente do seu maior ou menor valor artístico. Assim, destruir obras de arte sem o consentimento dos seus criadores seria o mesmo que violar os direitos dos artistas. De certo

modo, isto equivale a dizer que o criador de uma obra de arte nunca deixa completamente de ser proprietário da sua criação.

Objeção: Contudo, a não ser que se esteja disposto a reconhecer tais direitos também aos mortos, este argumento só funciona se estivermos a falar de artistas vivos. Seja como for, teria de haver uma boa razão para justificar a premissa de que o artista goza desse tipo de direitos — ao contrário do que se passa, por exemplo, com os artesãos.

Mas não são os direitos que estão aqui em causa. Poucos admitiriam que é errado destruir as obras de Da Vinci, Miguel Ângelo e Rafael devido aos direitos dos seus criadores.

Contra-objeção: Mas no caso dos artistas vivos, destruir as suas obras de arte sem o seu consentimento nunca deixa de ser uma violação dos seus direitos. É sempre algo que, a partir do momento em que acabaram uma dita obra de arte, eles têm a tomada de decisão sobre o destino do que eles próprios criaram. (ATENÇÃO - vem aí um *spoiler*) Se assumirmos que Agatha Christie, a melhor escritora de policiais do século xx, investiu na literatura enquanto arte, ela decidiu matar o seu próprio detetive para que outros não o pudessem utilizar mais tarde (depois de Poirot morrer). Por outro lado, alguns associam Jim Henson ao criador dos *Marretas*, vistos agora como da Disney! Isto mostra algumas coisas: os arquitetos costumam desenhar casas como parte de uma criação e, tal como no exemplo dado, os escritores podem destruir, alterar e matar personagens. O pintor e o escultor terão os mesmos direitos, pois a obra é parte intrínseca deles! Depois de morto, as suas obras devem seguir o destino que assim ele o traçou. A arte é uma manifestação artística dos que a criam, logo eles terão ou, moralmente, devem ter o controlo total sobre as suas criações. Esta visão contempla naturalmente não só o direito do criador de destruir a sua própria obra, mas de ele ser o único a dar-lhe um destino.

Argumentos a favor - 2º (consequências negativas):

- 1) Destruir obras de arte é sempre incorreto, a não ser que daí resulte um bem maior.
- 2) Mas destruir obras de arte nunca resulta num bem maior.
- 3) Logo, destruir obras de arte é sempre incorreto.

Este argumento (de carácter consequencialista e utilitarista) diz que é errado destruir obras de arte porque isso simplesmente nos priva de algo que contribui para o bem-estar dos seres humanos, não apenas das gerações atuais como também das futuras gerações. A destruição de obras de arte impede, assim, muitos seres humanos de usufruírem e apreciarem algo que lhes possa causar satisfação.

Objeção: Uma possível objeção a este argumento é dizer que este só funcionaria admitindo que todas as obras de arte têm o mesmo valor e, portanto, que todas contribuem de igual modo para o bem-estar dos seres humanos. E, como há boas e más obras de arte, também há as que contribuem muito e outras que contribuem pouco — ou mesmo nada — para o nosso bem-estar.

Contra-objeção: Sim, podem não contribuir para o **nosso** bem-estar. E o do artista? Este pode ter feito algo mais pessoal, mas só porque essa obra de arte não satisfaz o bem-estar da maioria não quer dizer que deva ser destruída. Não concordamos, então, inteiramente nem com o argumento, nem com a objeção. Na verdade, a existência da obra é, em si, um fator de valorização. A sua destruição implica sempre uma desvalorização, seja para o consumidor de arte, seja para o artista.

Argumentos contra - como diria alguém a favor:

O que incomoda algumas pessoas ao pensarem na destruição de obras de arte é pensarem apenas nas grandes obras da história da arte. Mas, num mundo onde as obras de arte se atrapalham umas às outras, disputando a nossa atenção, há algumas que são perfeitamente dispensáveis, sobretudo se, ao dispensá-las, contribuirmos para preservar outras coisas mais importantes. E nem é preciso invocar a velha história do barco carregado de obras de arte que, no meio da tormenta, está prestes a afundar-se por excesso de carga, tendo o capitão de escolher entre atirar borda fora algumas obras mais pesadas ou, em alternativa, oferecer aos tubarões os elementos mais anafados da tripulação. Um dos grandes problemas com que muitos museus e galerias atualmente se debatem é o do armazenamento e manutenção

da incrível quantidade de obras de arte contemporânea adquiridas e que raramente são exibidas ao público. Numa época em que virtualmente tudo pode ser arte, amontoam-se em armazéns com temperaturas dispendiosamente controladas milhares de objetos artísticos que nenhum bem-estar geram, uma vez que dificilmente virão a ser apreciados. Por sua vez, isso impede muitas dessas instituições de investir de uma forma mais criteriosa noutras obras artisticamente mais valiosas.

Algumas pessoas poderão ser tentadas a responder que mesmo as más obras de arte merecem ser preservadas, alegando que têm valor documental para as gerações futuras, permitindo-lhes compreender melhor a arte que agora se faz, o que não sucederia se apenas as boas obras de arte chegassem até elas. Mas este argumento é facilmente descartável, pois isso não implica preservar todas as más obras de arte. Algumas bastariam para estabelecer o contraste. Além disso, se tudo o que tem valor documental devesse ser preservado, então rigorosamente tudo devia ser preservado, pois tudo pode vir a ter valor documental.

Objecções: Este argumento não é muito plausível. Não acreditamos que sejam as obras que se atrapalham, mas os conceitos de arte que vão mudando com o tempo. Podemos dizer que a arte está banalizada na medida em que cada um se sente criador à sua maneira? E quais os critérios para a avaliação de uma obra de arte como boa ou má? Isso é algo muito subjetivo com o qual se deve ter cuidado. Se todos nos tornamos artistas, de certo modo podemos desenvolver um sentido crítico das obras dos outros, promovendo uma cultura de preservação das melhores! Seriam as melhores aquelas que reúnem maior consenso e uma apreciação mais favorável entre as sociedades. Mesmo quando as melhores 12 editoras recusaram a publicação da obra “Harry Potter” de JK Rowling, considerando-a má, uma gostou, o que levou à apreciação também depois da maioria da população. Mas voltemos atrás no tempo milhares de anos.

Vamos agora ler parte de um artigo da Wikipédia: “Quando Marcelino Sanz de Sautuola encontrou pela primeira vez as pinturas da caverna de Altamira, em Espanha, à volta de 150 anos atrás, elas foram consideradas como fraude pelos académicos. Com base no novo pensamento darwiniano sobre a evolução das espécies, considerou-se que os primitivos humanos não poderiam ter sido suficientemente avançados para criar arte.” Este artigo fala, então, da arte rupestre. Para muitos, este tipo de obra de arte foi e é considerada má. Indo pelo raciocínio dos que se encontram a favor do problema em causa, destruir-se-iam as representações artísticas pré-históricas realizadas nas paredes, tetos e outras superfícies de cavernas. Mas a maioria não foi destruída. A parte que já não existe foi degradada com o tempo ou sendo destruída por vandalismo ou em obras de infraestrutura, como barragens e estradas.

Sim, parte foi destruída por nós e, mesmo assim, ainda temos acesso à arte da Antiguidade.

Sim, temos acesso às obras de arte que estão em “vias de extinção”. E não por nossa culpa. É a esse ponto onde nós queremos chegar, ao nosso argumento *biológico*. É verdade que todas as obras de arte físicas se acabam por degradar com o tempo, ou pela erosão, ou pelo tipo de material usado. Assim, automaticamente, por razões biológicas, as obras de arte acabam por se destruir. Facilitando essa degradação voluntariamente, ainda menos manifestações artísticas seriam descobertas hoje em dia.

CONCLUSÃO

Concluindo, não se devem destruir obras de arte. Usando os termos de Walter Benjamin, “a arte constitui-se como um valor de culto que necessita de se exibir de forma constante e renovada no espaço e tempo. A rutura da *aura* (i.e. arte) do objeto artístico leva à perda da sua “unicidade”, “singularidade” e “autenticidade” e a uma alteração do seu valor de culto.” As obras que Hitler considerou como “impuras” e contra os seus ideais foram destruídas. A catedral de Notre Dame foi destruída. O que virá a seguir?

Assim se degrada a História.